

RECENSÃO

O primeiro estadista das Comunidades Europeias

Rita Laranjinha

Diplomata

Jean Monnet. The First Statesman of Interdependence

François Duchêne, 1994, W. W. Norton & Company, New York, 478 pp.

Em Fevereiro de 1951, o Manchester Guardian publicava um conjunto de artigos sobre o Plano Schuman da autoria de François Duchêne. O seu entusiasmo pela integração europeia e a vantagem de ser bilingue, em francês e inglês, levaram Jean Monnet a convidá-lo para servir de contacto entre a Alta Autoridade da Comunidade Europeia do Carvão e do Aço (ceca) e a imprensa anglo-americana e, em Março de 1958, Duchêne fazia já parte do seu círculo restrito de colaboradores. É, pois, um espectador privilegiado da vida de Jean Monnet que oferece, neste livro, um retrato do First Statesman of Interdependence.

Esta biografia, muito ricamente documentada, está estruturada em duas partes: um primeiro conjunto de dez capítulos relata, a par e passo, a carreira do «Pai da Europa», fazendo-se na segunda parte uma reflexão sobre a personalidade de Monnet e o legado da sua obra. Ficamos, assim, com uma informação vastíssima sobre o percurso de Monnet, descobrindo através dele não só o processo de integração europeia, mas toda a evolução da história da Europa desde 1914-1918 até à década de setenta, um interesse adicional desta obra.

A vida de Jean Monnet tem sido sobretudo divulgada a partir do lançamento do Plano Schuman, pelo que nos parecem especialmente interessantes as páginas dedicadas aos anos que antecederam esse momento. Duchêne começa por relatar a experiência de Monnet à frente da empresa familiar Cognac & Co. e na qual já é notório o seu interesse pela abertura a mercados externos. É, no entanto, com a Grande Guerra, para a qual Monnet não é alistado por razões de saúde, que começa o seu envolvimento na vida internacional.

Em 1914, com apenas 26 anos, Monnet organiza a cooperação franco-britânica em matéria de fornecimento de bens civis às populações vítimas do conflito. Em consequência do seu envolvimento no esforço de guerra, é convidado a participar na Conferência de Paz de Versalhes e vê-se envolvido na criação da Sociedade das Nações (sdn), de que se tornará, em 1920, o primeiro secretário-geral adjunto. Dois anos depois, demite-se do cargo em razão da grave situação financeira em que se encontra a empresa familiar. No entanto, até 1935, continuará ligado à área de reformas económicas e cooperação internacional da sdn, negociando, entre outros, financiamentos para a estabilização do Leste Europeu e o desenvolvimento da China.

Ao longo destes anos, Monnet constrói uma sólida rede de contactos, principalmente nos Estados Unidos, de tal maneira que alguém terá comentado que ele possuía um «better adress book in the States than Churchill». Logo a partir de 1938, estes conhecimentos

revelar-se-ão da maior utilidade quando Monnet se envolve na dinamização da indústria aeronáutica franco-britânica para a qual se tornam indispensáveis os financiamentos norte-americanos. Face à iminência da guerra, esta cooperação sectorial será alargada e Monnet é chamado a dirigir um Comité de Coordenação do Planeamento Económico que tem como objectivo congregar os recursos civis e militares dos dois países, para a sua melhor distribuição e utilização.

Simultaneamente, Monnet dará o seu contributo para a concepção e lançamento do Victory Programme, ajudando a convencer o Presidente Roosevelt da necessidade de reforçar as Forças Armadas norte-americanas, antes de ter ocorrido o ataque japonês a Pearl Harbour. O papel de Monnet nestas iniciativas, em grande parte concretizadas graças à sua persistência – uma característica que iremos encontrar ao longo de toda a sua vida – terão levado John Maynard Keynes a comentar que Monnet «has shortened the war by a year». Pelo seu lado, François Duchêne afirma considerar que esta realização de Monnet terá sido a de maior significado, apesar de não ter tido o eco político de outros sucessos subsequentes.

Durante o ano de 1943, em Argel, Monnet apoia o rearmamento das tropas francesas e «aproveita» para influenciar a constituição de um Comité da Unidade Francesa, de que também fará parte de Gaulle. Neste âmbito, Monnet fica com a responsabilidade do Comissariado para o Armamento, Abastecimento e Reconstrução e, após a sua libertação, do Comissariado Geral do Plano, desta forma contribuindo para a definição do sistema económico e político francês do pós-guerra.

É logo a partir do final da guerra que Monnet começa a envolver-se em projectos que tendem claramente para a dinamização da construção europeia. Ainda nos anos quarenta, Monnet participa na criação da Organização para a Cooperação Económica Europeia (oeece), mais tarde a ocde, que tem como objectivo coordenar a nível europeu a distribuição e gestão dos fundos para a Europa do Plano Marshall, tendo chegado a propor-se o seu nome para chefiar o órgão executivo da oeece.

Este interregno na carreira internacional de Monnet – que não deixava, por inerência das suas funções, de estar em contacto directo com a Administração norte-americana – foi importante para a sua reaproximação ao «establishment» francês, já que, apesar de não fazer parte do Governo, operava à margem do Estado, exercendo uma enorme influência nas decisões de natureza económica.

Apesar de se ter mantido, até Agosto de 1952, à frente do Comissariado Geral do Plano, já a partir de 1950, começa a ser sobretudo relevante a sua participação no lançamento do Plano Schuman e, através dele, no lançamento da ideia de constituição da ceca. François Duchêne descreve detalhadamente todas as iniciativas que levaram à constituição da primeira das Comunidades Europeias, em que estiveram envolvidas numerosas personalidades, diferentes Governos (europeus e o norte-americano), vários grupos industriais, mas em que resulta sobretudo notória a influência de Monnet. Para destacar apenas dois aspectos de maior relevância, determinantes para o sucesso das negociações, salientem-se os apoios que conseguiu mobilizar junto das autoridades dos Estados Unidos, como nenhum outro europeu teria conseguido, e os contactos que desenvolveu junto do Chanceler Adenauer.

Como se sabe, à iniciativa franco-alemã juntaram-se os países do Benelux e a Itália e, em Abril de 1951, assinava-se o Tratado de Paris que determinava a constituição da ceca de

que Monnet, a partir de Agosto de 1952, chefiaria (personificaria, mesmo) o órgão executivo – a Alta Autoridade – por muitos considerado o primeiro governo da Europa. É durante este período que se atinge o auge da influência de Monnet – que alguns acusavam de estar envolvido em manobras políticas, não se dedicando à necessária gestão das questões correntes – e que se lançam as bases da construção europeia: concretiza-se a abertura dos mercados, ultrapassam-se as primeiras crises, consegue-se o reconhecimento dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha, consolida-se a componente organizacional.

Simultaneamente, e com o apoio de Monnet, era discutido o Plano Pleven que lançava a ideia de uma Defesa Europeia Comum e que resultou na proposta de constituição de uma Comunidade Europeia de Defesa rejeitada, em 1954, pela Assembleia Nacional francesa. Este desaire, que muitos interpretaram como o fim do projecto da construção europeia, não desarmou Monnet, que começou rapidamente a construir sobre a derrota, encontrando no belga Paul-Henri Spaak um aliado fundamental (à semelhança do apoio inequívoco de Schuman com que tinha anteriormente podido contar).

Para ficar «free to act», Monnet demite-se da direcção da Alta Autoridade, que só acabará por abandonar no Verão de 1955 quando é escolhido o seu sucessor. A construção europeia continuará a avançar através de um processo de integração sectorial e Duchêne, mais uma vez, nos põe a par de todos os pormenores das negociações que levaram a que se optasse por constituir uma Comunidade Europeia da Energia Atómica (ceea ou Euratom) e por lançar um Mercado Comum, elucidando o leitor sobre a forma como se congregaram apoios e se avançou na definição de ideias, sobre as diferentes correntes e posições dos vários países envolvidos.

Em Julho de 1955, na Conferência de Messina, é escolhido o sucessor de Monnet (que não será o candidato da preferência deste) e decide-se manter a estrutura da ceca nas novas Comunidades, concluindo-se com esta importante vitória o período mais activo da vida do «Pai da Europa». Fora da Alta Autoridade, Monnet procura a melhor forma de, nos bastidores, continuar a influenciar o projecto da construção europeia e, logo em Outubro de 1955, lança o Action Committee para os Estados Unidos da Europa, a que se associam praticamente todos os sindicatos e partidos políticos europeus, à excepção de comunistas e gaulistas. Com o apoio do Comité, a actividade de Monnet vai centrar-se sobretudo na promoção do Euratom, já que se tratava do projecto que suscitava maior polémica e que carecia de mais apoios. Monnet lança diferentes iniciativas para ultrapassar os obstáculos que vão surgindo, concilia as susceptibilidades nacionais, coordena as posições europeias com os interesses norte-americanos e exerce a sua influência pessoal junto de Adenauer e de Guy Mollet (então Primeiro-Ministro de França).

Depois de 1957 e de se concretizar a entrada em funcionamento das novas Comunidades Europeias, a influência de Monnet sofre um enorme revés com a chegada ao poder de de Gaulle que chega a afirmar que «we are no longer in the era when M. Monnet gave orders». Até 1969, data do abandono do poder por de Gaulle, a construção europeia enfrenta uma série de dificuldades – crise da cadeira vazia, duas recusas do Governo francês à candidatura britânica para aderir às Comunidades – mantendo-se o Action Committee como consciência europeia. Com o afastamento de de Gaulle, Monnet volta a assumir o seu papel inspirador, mas sem dispor já das capacidades e poder de influência de outrora. No seguimento das iniciativas que decorrem da Cimeira da Haia de 1969 e que determinam o «Aprofundamento, Alargamento e Acabamento» das Comunidades,

Monnet acaba por decidir, em 1975, a dissolução do Action Committee, dedicando-se às suas memórias. Em 1976, por proposta de Helmut Schmidt, o Conselho Europeu declara Jean Monnet Cidadão Honorário da Europa. Três anos depois, em 16 de Março de 1979, falecia o «Pai da Europa».

Como se constatará pelo resumo que atrás fizemos do percurso de Jean Monnet, a primeira parte do *The First Statesman of Interdependence* seria só por si suficiente para demonstrar a importância da sua obra. No entanto, François Duchêne parece não ter querido deixar de transmitir uma opinião mais pessoal sobre Monnet e completa o retrato que dele faz com um conjunto de reflexões sobre a sua personalidade e o seu legado.

Duchêne refere que as ideias de Monnet não terão sido especialmente inovadoras, mas este terá sobretudo sabido clarificar e materializar, nos momentos certos, os projectos que se debatiam. A sua actuação serviu, acima de tudo, de força aglutinadora e mobilizadora do projecto de construção europeia. O autor emprega uma expressão especialmente expressiva, dizendo que Monnet sabia «change the context», isto é, enquadrava os problemas da maneira que melhor lhe permitisse ultrapassar os obstáculos que se lhe apresentavam, encontrando sempre soluções alternativas e impulsionando novos acontecimentos, numa dinâmica constante. É interessante notar que é desta mesma forma que continua a evoluir o processo de integração europeia.

Nesta sua reflexão final, o autor insiste no facto de Monnet não ter sido um político, o que nunca pretendeu ser. O seu objectivo era, aliás, o de substituir a «power politics» da vida internacional por uma nova ordem civil, sendo no entanto forçoso constatar que poucos como ele terão tido tão pouco poder e exercido tamanha influência ao longo de um período de tempo tão longo. Além disso, não parece suscitar dúvidas o facto de a integração europeia ter produzido um valor acrescentado que não poderia ter sido obtido de outro modo e, nesse sentido, Monnet contribuiu para que se iniciasse uma verdadeira revolução política.